

# a vingança senhor Pichón

por

---

**CLAUDE GEVEL**


---

Ilustração de

---

**CRUZ CALDAS**


---

**D**URANTE vinte e três anos Onésimo Pichón conhecera êsse suplício inenarrável, feito de mil torturas diárias, que só a vida conjugal pode acumular sobre a cabeça de uma mesma vítima. A senhora Pichón, que ostentava orgulhosamente o nome de Robustiana, desempenhava com perfeição satânica o papel de verdugo, que algumas espôsas aceitam com inconsciência e outras com voluptuosidade. Robustiana Topet de Pichón pertencia a esta última categoria.

Êle era baixo, ela era alta. Êle era suave, ela era violenta. Êle esquecia facilmente, ela era terrivelmente rancorosa. Êle era sóbrio, desajeitado, inquieto, dócil; ela era autoritária, segura de si mesma, ativa, glutona... E a sua intimidade conjugal era feita de cenas, de injustiças, de repreensões, de receios, de zangas violentas, de maus humores irónicos, de frases desagradáveis, de despreços. Robustiana não perdia nunca ocasião de gritar, de ser injusta, de fingir agravos, de simular ciúmes, de opôr-se aos pobres desejos que Pichón expressava ou lhe deixava adivinhar; de discutir, de amontoar argumentos mal intencionados, de queixar-se e de proferir aquelas palavras irritantes e desdenhosas a que o sr. Pichón não podia habituar-se. Então êle levantava a voz, soltava uma injúria ou fechava os punhos. E era a mutação da cena, perseguida Robustiana por seu marido.

A sr.<sup>a</sup> Pichón desempenhava então, à varanda, o papel de mártir indignamente esmurrada ou ferida: soluços, lamentos, apelações ao testemunho dos filhos, criados ou vizinhos, crises de nervos... Pichón, para terminar com a insupportável cena, humilhava-se, apresentava as suas desculpas...

O primeiro dia em que, por bondade, por desejo de paz, deixou ridicularizar-se assim, Pichón perdeu-se difinitivamente.

Resultado: Robustiana instaurou o seu domínio sobre êste trato conjugal; uma ditadura absoluta à qual êle se submeteu por essa cobardia apática e simpática que tão bem se casa com o sentimento do dever. Os Pichons tinham dois Pichonzitos: Onésimo julgou ver nisso uma razão mais que suficiente para aceitar uma existência da qual não tivera a coragem de evadir-se...

Metia a cabeça entre as mãos, couraçava-se de indiferença, e teria caído numa resignação sem esperança, se não tivesse conservado a sua sensibilidade. A isso não se acostumava. Os desdêns, os embustes, as ironias de Robustiana cavavam na sua alma um sulco fundo, no qual germinavam os desejos de vingança... Foram precisos dias e dias para que êstes seus desejos se definissem, para que êste seu projecto surgisse, se formasse, ganhasse corpo, e fossem precisos meses para realizá-lo.





A prosperidade de seus negócios obrigou-o a desenvolvê-los mais. Fabricante de artigos de sapateiro, abriu uma loja para vender a retalho. Ganhou mais, economizou, e foi, sem dúvida, o seu anelo secreto o que lhe deu a audácia de sair da sua rotina. Pouco a pouco foi insinuando no coração de Robustiana o desejo de ter um carro. Para isso bastou-lhe mostrar uma grande aversão pelo volante. Mas também não convinha levar ao extremo as suas manifestações de desagrado. Não devia resistir muito, nem ceder muito de-prêssa... Além disso, precisava de ter plena certeza de que Robustiana — medrosa e fingida, mas invocando seus nervos e sua miopia — não pensaria nunca em aprender a manejar e se deixaria seduzir pela perspectiva de servir-se de seu marido como *chauffeur*, e de encontrar nisso uma série de novos ensejos de predomínio e ridículo... Onésimo Pichón previu, deduziu, combinou tudo. Dissimulou seus gostos, suas intensões, suas esperanças e a alegria que o ia invadindo à medida que se aproximava a hora, porque era para uma hora apenas que êle ia trabalhando, arriscando, interpretando a comédia...

Por fim, a hora souou... Eis defronte da porta o automóvel brilhante, brunido. Pichón está sentado ao volante. Robustiana sobe, depois de ter esperado que parentes e amigos, em grande número, se tivessem certificado da habilidade e competência de Pichón. Ela sabe-o agora bastante exercitado, como para poder sa-

borear em sua plenitude o prazer de ir dar uma volta no seu carro e de criticar tranqüilamente o talento provado do seu *chauffeur* conjugal...

— Toca a busina... Olha à tua esquerda... Mais espaço!... Acelera... Deixas passar adiante todos os carros!

Assim o encoraja e aconselha Robustiana... Pichón não responde... E ela exulta, sentindo-se dona e senhora naquele novo domínio...

Já estão numa estrada fora de Paris — na estrada onde o sr. Pichón localizara a sua vingança... Então êle levanta-se, volta a cabeça para sua mulher, que está à mesma altura, porque Onésimo até pensou em prover dum almofadão o seu lugar no carro, para que eleve a sua estatura.

Robustiana começa:

— Não voltes a cabeça! Olha para a frente!...

Mas êle interrompe-a com uma voz digna, sêca, cortante, como nunca tivera:

— Cala-te!... Se dizes uma palavra, precipito o carro sôbre uma árvore.

— Estás louco?

Pichón acelera e inclina bruscamente o carro para a direita. Robustiana Topet de Pichón solta um grito... Onésimo volta a erguer-se:

— Cala-te!... Já vês que tens de calar-te. Estás nas minhas mãos... Um gesto, a menor rebeldia tua, e mato-te... Melhor dizendo, mato-nos. Também pouco se perderia... Escuta... Vais pedir-me perdão... Não, espera... Quando eu tiver acabado de falar. Vinte anos!... Durante mais de vinte anos tens-me martirizado, humilhado... Oh! Não me tens atraído, não sei porquê... Mas julgas que isso é o suficiente? As tuas discórdias teem feito da minha vida um calvário... Tens sido monstruosa... Compreendes porque esperei êste dia e esta hora para dizer-to? Em qualquer outra parte tu terias ralhado, discutido... e terminarias por obrigar-me a apresentar-te as minhas desculpas... Mas aqui, neste carro, tenho-te em meu poder... Cala-te! Estás branca de raiva... de medo... Compreendes agora?... Escolhi o lugar onde me convém falar-te... e também onde tu me pedirás perdão. Irei ainda mais longe, muito além dêste povoado, irei parar defronte de um cemitério... Simbólico, não é verdade? Cemitério, calvário... Prepara já em silêncio essa palavra que deverás pronunciar ao chegar lá. O caminho, nesse ponto, estende-se à margem



dum rio. Se te negasses a pedir perdão, bastar-me-ia um volteio como este... e nós...

Pichón, entusiasmado, fez uma curva rápida e brusca... O automóvel cambaleia, patina, volta-se.

Robustiana Topet de Pichón levanta-se, milagrosamente indene. No meio dos vidros quebrados e da carroceria espatifada, vê-se o corpo de Pichón, imóvel, ensangüentado. Encolhe os ombros e profere :

— Idiota!

O nosso pobre sr. Pichón abandona o seu

leito de dor quasi três meses depois de intensa luta com a morte. E vai voltando à vida mais Pichón que nunca.

O seu destino é imutável. Robustiana deve ter um demónio tutelar... Porque depois do sucedido, sente-se mais robusta do que nunca no seu papel de « mártir ».

Naturalmente! Pois como não há de o pobre Pichón sentir cada vez mais arraigados, em cada dia, a cada hora, a cada minuto, os seus instintos homicidas contra a invencível Robustiana?...



**BARROS**

SÓ vendem VINHOS do PORTO de qualidade SUPERIOR



DEPOSITARIOS GERAIS:

**Mario Costa & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>**

Rua do Almada, 30-1.º E 2.º

TELEFONE, 2571 — PORTO